

RESUMO DA SEMANA - 04 a 08/06

Semana de forte tensão em todos os mercados de risco no mundo, com ativos mostrando forte volatilidade, mas com Dow Jones e Nasdaq com bom desempenho (DJI acima de 25.000 pontos e Nasdaq em recorde histórico de pontos). No segmento doméstico, tivemos ainda estresse na área política e econômica, com os investidores assimilando que o risco eleitoral piora a percepção dos preços dos ativos.

No que tange ao ambiente interno, a escalada do dólar obrigou o Bacen a intervir no câmbio com operações adicionais de swap cambial e o Tesouro a emitir títulos mais longos de nove meses. Que teve como objetivo gerar lastro e reduzir a pressão sobre os juros de mais longo prazo. Porém, nada disso serve para domar a valorização do dólar e elevação dos juros de forma mais consistente, se não forem feitas reformas e ajustes necessários. Crescem as expectativas de que o Copom possa elevar juros mais cedo, mesmo depois de declarações feitas por Ilan Goldfajn acalmando os mercados.

Do lado político, os investidores se assustaram com a possibilidade de um segundo turno Bolsonaro x Ciro Gomes, mas o pior é que quase nenhum dos pré-candidatos estão se comprometendo com reformas e muito menos preocupados em explicitar como. Nessa área muito ainda vai acontecer, e como temos dito definições só depois da Copa do Mundo. Porém, o lado político pesou também (e novamente) para o presidente Temer com novos vazamentos e pedido de quebra de sigilo telefônico, não só dele como de seus principais auxiliares, Moreira Franco e Eliseu Padilha.

Além disso, depois de o governo ter cedido em todos os pleitos do movimento de caminhoneiros, o imprevisto de negociações açodadas assomou. Todos os segmentos da economia criticam a tabela de fretes mínimos que encareceu muito, com a ANTT (Agência Nacional de Transportes Terrestres) tendo que reavaliar tabela e o governo novamente vetar, depois de pressões. Muitas críticas sobre sistema de reajuste de preços de combustíveis, com arranhões sobre a governança da Petrobras e com a ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis) criando audiência pública para definir sistema, mas com longuíssimo prazo para definição. Entre esperar definição e reduzir risco, os investidores estão optando pela segunda hipótese e as ações sofrem forte pressão vendedora.

Na área econômica, destacamos as pressões sobre juros e câmbio que determinaram intervenções do Bacen e de lançamento de títulos pelo Tesouro. Muitos analistas criticaram por não ter havido intervenção mais forte, e até quase o final da semana o dólar seguia sendo testado, tendo ultrapassado a cotação de R\$ 3,97. Os juros de mais longo prazo seguiram em trajetória de alta. Com a fala de Ilan os mercados inverteram tendência forte e o dólar despencou na última sessão.

O ministro Eduardo Guardia deu declarações realistas acerca do desequilíbrio fiscal, mas com isso colocou ainda mais lenha na percepção de descontrole. Bem verdade que os índices de conjuntura já vinham mostrando desaceleração contínua. A nova pesquisa semanal Focus

mostrou isso, com inflação em alta para 3,65% e PIB encolhendo para 2,18% (anterior em 2,37%) na previsão de 2018, devendo ceder ainda mais.

A produção industrial de abril cresceu 0,8%, com expansão no ano de 4,5% e em 12 meses com +3,9%. Apesar disso, a projeção é de segundo trimestre em contração, função da greve ocorrida em maio. Nesse contexto, citamos a produção automotiva de maio em queda de 20,2% e vendas de veículos com contração de 7,1%. O fluxo cambial de maio foi positivo em US\$ 1,75 bilhão e no ano acumula ingresso de US\$ 20,1 bilhões (até 01 de junho). A inflação oficial pelo IPCA de maio foi de 0,40% acumulando no ano 1,33% e em 12 meses 2,86%.

Na B3, em quatro pregões de junho, os saques ascendem a R\$ 1,96 bilhão e no ano há saída de recursos de R\$ 6,00 bilhões, quando em fevereiro os ingressos eram maiores que R\$ 10 bilhões. Mostrando toda tensão, o CDS Brasil em alta, acima de 250 pontos.

No exterior, o quadro político e econômico esteve mais ameno que no Brasil, mas não faltaram tensões. Na China, as negociações com os americanos sobre imposição de tarifas tiveram alguns curtos circuitos depois de Trump dizer que em 15 de junho divulgaria lista de produtos sobretaxados. As reservas internacionais declinaram para US\$ 3,11 trilhões e o saldo comercial de maio foi superávit de US\$ 24,9 bilhões. No Japão, o primeiro ministro Shinzo Abe se encontrou com Trump para discutir comércio e o encontro com o ditador da Coreia do Norte, prometendo que ajudará a Coreia economicamente.

Na Alemanha, o PMI composto (inclui indústria) em 53,4 pontos, o menor patamar em 20 meses. As encomendas à indústria surpreenderam negativamente em abril com contração de 2,5%, e a produção industrial de abril caiu 1,0%. A União Europeia vai elevar tarifas contra os EUA, ao mesmo tempo em que pediu que os EUA não imponham sanções às empresas que vendem para o Irã. Na zona do euro, o PIB foi confirmado para o primeiro trimestre em 0,4%, com taxa anual de 2,5%. A Turquia, com a lira novamente pressionada, elevou juros em 1,25% para 17,75% e sinalizou que pode ir adiante. Tensão no Brexit com racha no gabinete de governo de Theresa May com a situação de fronteira com a Irlanda.

Nos EUA, Donald Trump segue fazendo das suas, tipo "bate e assopra" (bate mais). O encontro com Kim Jong-Un está mantido para 11 de junho, mas pode ter alterações e só será produtivo se a Coreia do Norte abandonar o programa nuclear. Além disso, também sinalizou que deve sair do NAFTA e quer fazer acordos bilaterais com México e Canadá. Porém, irá encontrar Trudeau na reunião do G-7 em Quebec. Pressionou a União Europeia e China com tarifas maiores para produtos de aço e alumínio e vai sofrer retaliações de diferentes países.

Os indicadores de conjuntura que foram divulgados no período indicaram que a economia segue forte e isso projeta que o FED pode mesmo fazer quatro altas de juros em 2018, ampliado já na reunião desse mês. Mais um motivo de estresse para os mercados e emergentes.

RESUMO DA SEMANA

Ibovespa	72442 (-5,56)
Dow Jones	+2,76
NASDAQ	+1,2
Dólar	-1,75 (R\$ 3,705)

PERSPECTIVAS

Os investidores se anteciparam à Copa do Mundo na tomada de decisão de investimentos. O risco eleitoral piorou a percepção dos investidores sobre a precificação dos ativos. A greve dos caminhoneiros e o desabastecimento em todos os níveis acelerou decisões e os mercados realizaram forte. Como pano de fundo, a previsão de que pode haver um segundo turno das eleições entre Bolsonaro e Ciro Gomes, ambos com posturas radicais contra os mercados, pela tributação de fortunas e privatização.

Dólar e juros em alta (esse em escalada mais longa) quase chegaram a simular um ataque especulativo, que de resto já tinha acontecido anteriormente na Argentina e na Turquia. Juntando isso com indefinições sobre sistemática de preços de combustíveis na Petrobras, e exposição de empresas e instituições ao dólar, o segmento Bovespa foi perdendo sistematicamente zonas de suporte.

O quadro presente é de larga tensão, com o governo batendo cabeças sobre variados itens, notadamente as péssimas negociações da greve de caminhoneiros e decisões questionáveis. Não há como prever onde tudo isso pode parar, mas uma coisa é certa: os analistas estão mudando suas projeções de indicadores para números bem piores. Parece possível prever que o Bacen pode controlar por algum tempo a escalada do dólar, como fez mais para o final da semana, mas se as pressões forem mais fortes e mais longas a situação pode se complicar. Citamos apenas os exemplos de mudança no crescimento do PIB que agora ronda a faixa de 1,5%.

O cenário externo não ajuda com as disputas comerciais, relações conflituosas sobre Brexit, sanções impostas e expectativa de mudanças nas políticas monetárias de países desenvolvidos, afetando fluxo para os emergentes. Na semana ficou clara a migração de recursos de emergentes para títulos de desenvolvidos. Apesar disso, podemos ter boas notícias no final de semana da reunião do G-7, e também do possível encontro entre Trump e Kim Jong-Un da Coreia do Norte.

Mas não se iludam, estamos precisando de boas notícias no ambiente doméstico, sem as quais vamos seguir descolados para pior do resto dos mercados. Do ponto de vista da análise técnica, não podemos perder a faixa de 70.000 pontos sob pena de o mercado cair ainda mais.

Alvaro Bandeira

Sócio e Economista-Chefe modalmais

Fonte: <https://www.modalmais.com.br/blog/falando-de-mercado>